



Flor do Carmelo

Boletim informativo da Ordem Secular dos Carmelitas Descalços

N.º 37 – 2010

CAMINHO DE PERFEIÇÃO

Seguindo as directrizes do nosso Capítulo Geral, continuamos com a leitura das Obras da Santa Madre Teresa. Este ano de pastoral (2010-2011), como aí foi indicado, dedicamo-lo à leitura reflectida do Caminho de Perfeição. Para facilitar a sua leitura, apresentamos neste número da Flor do Carmelo, embora sucintamente, o ambiente espiritual em que ela viveu e que justifica o historial desta obra que não foi pacífico.

O *Caminho de Perfeição* é a segunda obra composta por Santa Teresa de Jesus. Ela nasce da conjugação de três quereres: dos seus confesores, dela própria e das suas irmãs do convento por ela fundado.

Depois de ter entregado o *Livro da Vida* aos seus confesores, estes acharam que ela deve continuar a escrever. Este livro era interessante e de muito proveito para as suas irmãs, mas tal como se encontrava, e dadas as circunstâncias da igreja espanhola, não se podia colocar em mãos das suas freiras. Embora não o tivesse escrito para elas, era pena privá-las de tão valiosas orientações espirituais que o livro continha. Além disso, encontrava-se retido nos arquivos da inquisição. Portanto a solução era escrever outro, de estilo diferente, que recolhesse tudo o que fosse de “proveito para aviso de coisas espirituais” e servisse de código de formação para as suas freiras. Assim o manifesta Teresa numa *Conta de Consciência* escrita em 1567: “Esta relação foi de

sorte que todos os letrados, que a têm visto – que eram seus confesores –, diziam que era de grande proveito para aviso de coisas espirituais, e mandaram-lhe que a trasladasse e fizesse outro livrito para as suas filhas – pois era prioresa – onde lhes desse alguns avisos” (*Rel.* 4,6).

Tendo em conta o mandato dos confesores, Teresa pôs mãos à obra. Aliás, ela também estava convencida da necessidade de pôr por escrito o carisma com que o Senhor a regalou.

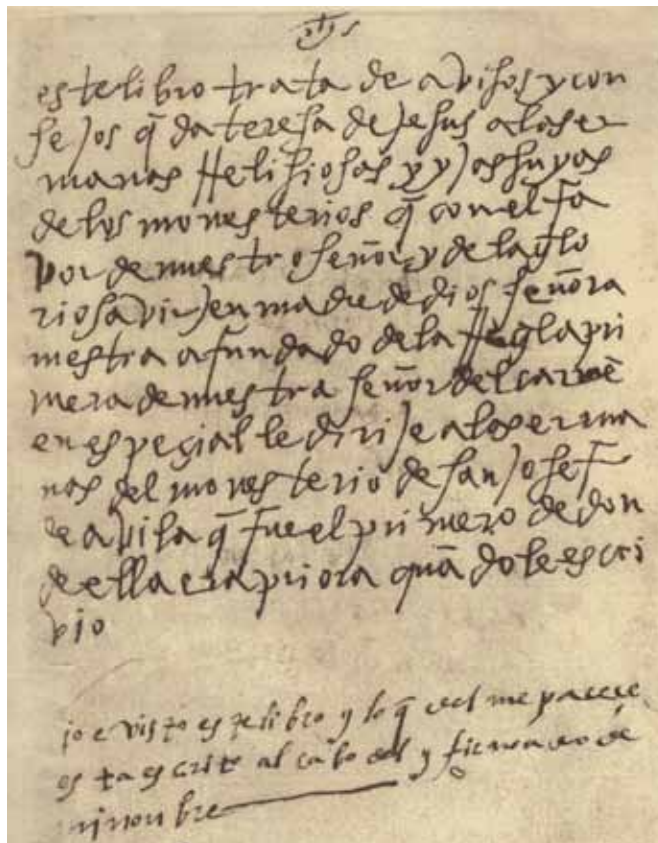
E as suas irmãs, que são conhecedoras do mandato que ela tem dos seus confesores, “pedem-lhe”, “mandam-na”, chegaram mesmo a importuná-la: “Sabendo

as irmãs deste Mosteiro de S. José que eu tinha licença... para escrever algumas coisas de oração... têm-me importunado tanto para que lhes diga alguma coisa sobre ela, que me determinei a obedecer-lhes” (*Pról.* 1).

Teresa é consciente das dificuldades que se lhe deparam. Ela continua a pensar que é “coisa desconcertada eu escrever isto” (*ib.* 2). Em plena redacção da obra confessará abertamente a “confusão” com que escreve: “Que vergonha é para mim eu dizer-vos que façais caso de coisa minha! O Senhor bem sabe a confusão com que escrevo muito daquilo que escrevo!” (*C* 25, 4).

Mas Teresa acredita na assistência do Espírito do Senhor, que não lhe tem faltado e no amor das irmãs. Ela não tem dificuldade em acreditar na assistência

especial do Senhor, pois já tinha deixado escrito no *Livro da Vida*: “Esclareceu-me Deus o entendimento,



Primeira página do *Caminho de Perfeição*
“Códice de Valladolid”

umas vezes com palavras e outras pondo-me diante como o havia de dizer... parece que Sua Majestade quer dizer o que eu não posso nem sei. Isto que digo é inteira verdade..." (V 18, 8).

Depois conta com o amor e a oração das irmãs: "Penso que o grande amor que me têm pode fazer-lhes mais aceite o mau estilo e imperfeito daquilo que eu disser... e confio nas suas orações, pois poderá ser que, por elas, o Senhor seja servido que eu acerte em dizer alguma coisa do que convém"(Pról. 1).

A abertura amorosa das suas irmãs vai fazer com que a palavra nascida da sua experiência seja profundamente comunicativa e esclarecedora. Com esta sua atitude a comunidade começa a ser também parte activa e dialogante na obra que Teresa se dispõe a escrever.

A este amor das irmãs junta-se o amor que Teresa nutre por todas elas: "Sei que não me falta amor e desejo de ajudar naquilo que puder, para que as almas das minhas irmãs vão muito adiante no serviço do Senhor. Este amor, junto com os anos e a experiência que tenho de alguns conventos, poderá ser que sirva para eu atinar" (Pról. 3).

Foram todas estas as razões que moveram Teresa a tomar novamente a pluma e escrever esta nova obra que se chama *Caminho de Perfeição*.

Este título não é da sua autoria. Encontra-se nas primeiras páginas da obra, mas é de iniciativa alheia. A Santa revela o conteúdo do autógrafo da seguinte maneira: "Este livro trata de avisos e conselhos que Teresa de Jesus dá às Religiosas, irmãs e filhas suas, dos mosteiros que, com o favor de Nosso Senhor e da gloriosa Virgem Mãe de Deus, Senhora Nossa, tem fundado"(Pról.).

Embora, como ela diz no mesmo prólogo, o tivesse escrito para as irmãs de S. José de Ávila onde ela se encontrava de prioresa, quando o escreveu, está dirigido a todas as suas irmãs de outros conventos, que já tem em vista.

Santa Teresa redigiu por duas vezes este livro. A primeira sem divisões de capítulos que se encontra na Biblioteca do Escorial e a segunda já dividida em capítulos que está nas Carmelitas Descalças de Valladolid.

Estas duas redacções foram feitas no convento de S. José de Ávila, provavelmente no ano de 1566, depois de terminar o *Livro da Vida* (finais de 1565) e antes da visita do franciscano Afonso Maldonado ao Carmelo de S. José. Teresa tomou a decisão de o redigir por segunda vez, pelos seguintes motivos apontados pelo P. Tomás Alvarez:

1º. Para lhe dar forma de livro, de mais fácil leitura na sua comunidade;

2º. Para cumprir as indicações feitas pelo teólogo amigo que reviu o manuscrito e riscou numerosas passagens, entre elas a famosa apologia das mulheres no capítulo terceiro;

3º. E para diminuir o estilo coloquial e confidencial da primeira redacção, aligeirando o texto de comparações, de alusões polémicas e de referências à própria experiência religiosa.

Depois de o ter redigido por segunda vez, tendo em conta as sugestões dadas pelo teólogo amigo, teve que o submeter aos teólogos censores que lhe rasuraram numerosas passagens e fizeram com que arrancasse diversas folhas onde ela comparava o jogo de xadrez com a humildade (cap. 16). Teresa teve que arrancar cinco folhas e substituí-las por uma.

Espiritualidade e teologia

A Igreja sempre manteve um contacto muito íntimo com a Sagrada Escritura e o cristão tentou descobrir debaixo do sentido histórico imediato da Escritura um outro sentido escondido, místico o qual abre grandes correlações tanto entre o Antigo e o Novo Testamentos, como entre o tempo da Igreja e o da glória. Essa mesma correlação existe entre o ensinamento da revelação e a vida que chamamos espiritual.

Dentro da unidade da revelação encontramos como que dois aspectos: um doutrinal e outro prático. O primeiro trata de Deus e do seu projecto de salvação e o segundo da lei incluindo as exortações parenéticas contidas no A.T e N.T. A parte prática apresenta dois aspectos unidos entre si mas diversificados. Temos as leis, os mandamentos e as prescrições mais diversas que dão vida ao comportamento do homem na sua qualidade de membro do povo de Deus.

Temos outros textos que descrevem a vida de fé e exortam a um compromisso pessoal, como por exemplo os Salmos. Não faltam os livros que usam um género literário muito parecido aos nossos textos de espiritualidade, como por exemplo os sapienciais que não só exortam à

conquista da sabedoria mas descrevem também as etapas e condições para lá chegar. Temos as cartas de S. Pedro, S. Paulo e S. Tiago onde nos é apresentada uma experiência cristã diversificada. S. Paulo, quando a ocasião o pede, não deixará de recorrer à sua experiência pessoal.

Santos Padres

Os Santos Padres, fundamentados na Sagrada Escritura, desenvolveram nos seus comentários os diversos aspectos da vida cristã. A sua reflexão teológica, além dos aspectos doutrinários, sublinhava também os morais e espirituais. Seguindo o texto da Escritura apontam diversos níveis de compreensão. O sentido místico, desenvolvido pela exegese patrística, presta-se muito bem a certas descrições que hoje constituem a matéria da teologia espiritual, como por exemplo, o progresso da vida espiritual e concretamente a vida de oração.

Idade Média

A teologia da Alta Idade Média segue, em grande parte a tradição patrística. É nos mosteiros, principalmen-

te, que se vai forjando a teologia. Aparecem verdadeiros tratados de teologia monástica. Neles encontramos certa literatura que insiste no desenvolvimento gradual da vida espiritual. A maior parte das vezes, estes tratados recolhem e ampliam a doutrina dos fundadores da vida monástica, os testemunhos de vida espiritual profunda e as regras religiosas. Toda esta literatura, podemos qualificá-la de “espiritual”.

Séculos XII e XIII

O discurso teológico de finais do século XII e todo o século XIII vai tomando uma forma cada vez mais científica, afastando-se, proporcionalmente, da Sagrada Escritura. A teologia, de comentário à *Sacra Pagina*, vai-se abeirando da investigação filosófica. Nesta época começa a aparecer a distinção entre comentários exegéticos e questões disputadas ou sumas teológicas. A lição do mestre e o discurso do monge são diferentes.

A teologia ao procurar uma cientificidade mais precisa começa por distinguir vários campos. Embora as sumas teológicas apresentem o conjunto da reflexão teológica, por necessidade metodológica e didáctica, começam a introduzir várias subdivisões conforme os tratados e os grandes temas. Isto dá origem às diversas disciplinas teológicas. O que antes estava unido, agora está dividido e subdividido.

Enquanto que antes a teologia era considerada como um exercício pessoal do “*intellectus fidei*” que não se separava da vida espiritual, mas implicava toda a pessoa, agora o discurso científico vale por si mesmo, independentemente do estado subjectivo daquele que estuda ou escreve sobre determinada ciência. Assim chegamos à distinção objectiva entre teologia e exegese, subdividindo-se aquela em teologia especulativa ou dogmática, teologia prática ou moral e teologia afectiva ou espiritual.

Séculos XIV e XV

Divórcio entre espirituais e teólogos

A unidade entre todos os ramos do saber teológico vai-se deteriorando. As posições vão-se extremando. Perante o carácter cada vez mais abstracto e intelectualista da teologia dogmática, a teologia espiritual vai reivindicando cada vez mais decididamente a sua autonomia, até que a forais do século XIV vem a rotura e o divórcio. As consequências são desastrosas tanto para a teologia dogmática como para a teologia espiritual ou mística. A aplicação

exagerada da dialéctica ao pensar teológico levou ao divórcio entre a teologia e a vivência religiosa, entre a teologia e a mística.

A teologia escolástica desvia-se da reflexão da *Sacra Pagina* e envereda pelas elucubrações do nominalismo conceptualista e outras formas escolásticas de carácter intelectualista. A teologia espiritual refugia-se no campo da vida interior e a oração e vida de piedade afastam-se da reflexão teológica opondo-se muitas vezes a ela. Prova disto temos a *devotio moderna* com acentos anti-científicos e anti-escolásticos. Os escritores espirituais dos séculos XIV e XV colocam os seus adeptos de prevenção.

Esta rotura entre a ciência teológica e a vida de piedade cristã deve ser considerada como o grande cisma do século XV.

Século XVI

Antagonismo entre espirituais e teólogos

Da rotura e divórcio, desencadeados no século XV, passou-se ao antagonismo no século seguinte. A reforma protestante é, em grande parte, ocasionada por este cisma entre a teologia e a experiência religiosa. Perante esta situação trágica de uma Igreja dividida, os teólogos dogmáticos, principalmente, nos países católicos, apresentam-se como os defensores da ortodoxia contra a experiência subjectiva de protestantes e espirituais.



A meados do século XVI rebentou em Espanha um grande conflito entre “místicos” e “intelectualistas”. O antagonismo entre homens e mulheres de experiência religiosa por uma parte e os teólogos de escola, seus censores, por outra, abriu um fosso profundo no ambiente teológico-espiritual do século de ouro espanhol. A separação entre a teoria e a prática da vivência espiritual, entre a experiência e doutrina mística e a teologia oficial de escola foi fatal. Os mestres e professores de cátedras, oficiais do Supremo Tribunal da Inquisição, desconfiaram dos espirituais, denunciaram e censuraram as suas práticas e escritos.

A tensão entre hierarquia e carisma, entre o institucional e a liberdade do Espírito e do Evangelho converteu-se em oposição fanática e, à primeira vista, irreconciliável. Grandes autores espirituais caem nas malhas da Inquisição.

Santa Teresa de Jesus viveu na sua própria carne este clima cismático da época. Conhecia casos bem tristes de falso misticismo, como por exemplo a abadessa de Córdoba, Madalena da Cruz. Também não faltou “homem de autoridade e pregador” que em certa ocasião “disse muito mal dela, comparando-a a Madalena da Cruz”. O caso de “mujeres visionarias”, vítimas da ilusão ou do “engano do diabo” está presente no seu espírito e nos seus escritos. “Como nesses tempos tinha acontecido haver grandes ilusões em mulheres e enganos a que as tinha levado o demónio, comecei a temer” (V 23, 2).

“Andaban los tiempos recios”, escreve Teresa de Jesus, e por isso mesmo não estranha que lhe dissessem que “podia ser que me levantassem alguma suspeita e fossem acusar-me aos inquisidores” (V 33, 5). Mais tarde, no momento de descrever na sua *Autobiografía* este clima não é capaz de conter os seus ímpetos e advoga com força pela prática da oração mental e as experiências místicas (Cf. V 25, 22).

Teresa de Jesus, mulher de diálogo

Diálogo entre teólogos e espirituais

Teresa de Jesus possuía uma cultura e formação muito por cima do nível médio das mulheres do seu tempo. O que ela pretendia, com toda a alma, era viver e “andar en verdad” (Cf. V 16, 6; 25, 21; 26, 1). Por isso mesmo confessa-se “amiga de letras” (V 5, 3) e sentia uma grande paixão pelos “letrados” (V 28, 6). Cultivava a leitura e a conversa com homens inteligentes e doutos. Ela tratou com os melhores teólogos da época, como por exemplo Vicente Barrón, Domingo Bañez, Pedro Ibañez, Garcia de Toledo, Bartolomé Medina, Baltasar Alvarez, Ripalda, Ribera, etc.

Ao tratar da direcção espiritual aconselha que o director tenha boas letras. E quanto mais espirituais, mais

necessidade existe de letrados. Isto justifica que ela escreva às superiores e diga: “que, além dos confessores ordinários, ela e todas, possam algumas vezes tratar e comunicar suas almas com pessoas que tenham letras, em especial se os confessores não as têm, por bons que sejam. Grande coisa são as letras para dar luz em tudo” (CP. 5, 2). Se isto é de aconselhar a todos que andam por caminhos de oração, mais ainda aos que se consideram espirituais: “E os que vão por caminho de oração têm disto maior necessidade, e tanto maior, quanto mais espirituais” (V. 13, 18).

Assim não há possibilidade de enganos. Desconfia muito dos “medios letrados espan-tadizos”.

Ela procura os bons teólogos e a eles se rende, apesar de saber que alguns deles estão prevenidos contra os espirituais. E sem vacilar acode mesmo aqueles que a censuravam de

“visionária” ou “mulherzita”. Fá-lo por uma necessidade interior, desejo de andar “en verdad” e porque sabe que experiência espiritual que não esteja fundamentada no dogma torna-se selvagem.



S. João da Cruz, modelo de espirituais
«Um só pensamento do homem vale mais que todo o mundo;
portanto só Deus é digno dele» (*Ditos de Luz e de Amor*)

Teresa procura os teólogos para ser discernida e para que a sua experiência esteja fundamentada na Sagrada Escritura e no dogma, “porque espírito que não vá fundado – desde o começo – na verdade, eu mais o quisera sem oração. Grande coisa é ter letras... De devoções a tontas livre-nos Deus” (V. 13, 16).

A confrontação entre experiência e teologia é saudável; o diálogo entre espirituais e teólogos oficiais é benéfico tanto para uns como para outros. “Espirituais” como Francisco de Borja e Fr. Pedro de Alcântara resolveram-lhe certas dúvidas, mas a última palavra vinha-lhe sempre dos letrados. Embora o confronto entre a experiência e a doutrina fosse muitas vezes penoso, daí saía a verdade.

Esta inclinação pelas letras e abertura aos letrados por parte de Teresa suscitou admiração e amizade recíproca que está na base do seu magistério. Ela sabia que a experiência mística era mais privilégio de mulheres (Cf. V 40, 8). E foi este um dos motivos que a levou a escrever o *Livro da Vida* (V 19, 4). Teresa exige o direito de ser ouvida, pois a sua condição de mulher o merece. A ontologia dos sexos tem também a sua influência nas vivências religiosas. Ela tem um modo feminino de definir a oração: “tratar de amizade...” (V 8, 5). Com a sua intuição de mulher ela introduz na teologia dos homens algo especificamente feminino: a ciência do amor. Desta maneira ela compromete os teólo-

gos que consultava nas suas experiências de oração. Ao pedir conselho ensinava. Ao render-se aos seus letrados contagiava-os com a sua espiritualidade.

Aconteceu com homens de “muitas letras”, como ela escreve, Domingo Bañez, Pedro Ibañez e Garcia de Toledo. A respeito deste último que “é bem letrado”, “pessoa muito principal... embora eu o tivesse por bom, não me contentava, queria-o muito melhor”. Teresa pedia ao Senhor dizendo: “Vede que é bom este sujeito para nosso amigo”. Depois escreve: “Tem-no mudado o Senhor quase de todo, de maneira que ele quase não se conhece, por assim dizer” (V. 34, 6, 8, 13).

Para ela o ideal seria: “Muito espiritual e teólogo” (CC. 4).

Teresa tem verdadeiras ânsias de comunicar as suas experiências interiores para benefício dos teólogos (Cf. V 10, 8). Ao tratar da oração de quietude é capaz de aconselhar a acentuação dos actos amorosos e a redução da actividade do entendimento (V 15, 7). E não tem dúvida em dizer: “Isto é bom para os letrados que mo mandaram escrever...” (V 15, 8).

Quando na Igreja de Deus impera um antagonismo forte entre a mística e a teologia Teresa de Jesus inicia um movimento de abertura e diálogo que ainda não deu os frutos desejados.

Os místicos estão de volta

Com o aparecimento das novas ciências antropológicas os espirituais passaram um verdadeiro calvário. Não foram mandados para o inferno mas sim atirados para os hospitais psiquiátricos sem um diagnóstico serio. Uns com razão, outros sem ela, mas como todos tinham o mesmo apelido, seguiram no mesmo barco. A partir do momento em que a espiritualidade se fechou à teologia dogmática enveredou por um caminho que não podia ter outro desfecho.

Foi a partir de Bergson e Jean Baruzi que o diagnóstico começará a ser feito e muitos homens e mulheres saem desses hospitais. Não se podem meter todos no mesmo saco, é preciso fazer a destriça. Simone de Beauvoir tem palavras duras contra a mulher mística, contudo, curva-se perante uma Teresa de Jesus e fala dela com muito respeito.

Para esta intelectual francesa, Teresa de Jesus “não é escrava dos seus nervos nem das suas hormonas”. Pelo contrário, admira nesta mulher “a intensidade de uma fé que penetra no mais íntimo da sua carne” e colocando-a ao lado de um São João da Cruz, caracteriza-a como “uma brilhante excepção” (*Le Deuxième Sexe*, T. II, 512).

Nota-se um despertar para as dimensões místicas da natureza humana. Há uma fome de experiência de Deus. Os místicos estão de volta. Existe um “despertar de uma certa corrente mística em determinados grupos de jovens”, diziam os bispos franceses há uns anos atrás. “A mística suscita actualmente uma grande curiosidade, inversamente proporcional à alergia provocada pelas instituições eclesiásticas”.

É comum aos novos movimentos eclesiais e religiosos o acento da espiritualidade. Seria cansativo estar aqui a enumerá-los devido ao número e complexidade. O fenómeno da espiritualidade une Oriente e Ocidente.

Não nos parece possível o diálogo com o Oriente a partir da teologia dogmática mas sim da espiritualidade.



Estamos perante religiões de “meditação”, entendida esta como caminho de interiorização radical. Por isso mesmo só estão interessados no diálogo com o cristianismo na medida em que este oferecer a sua própria experiência espiritual. Sair deste âmbito da experiência e passar para o da dogmática é reduzir o diálogo ao fracasso, pois estamos perante religiões de carácter não só adogmático, mas mesmo até anti-dogmático. S. João da Cruz, por exemplo, ocupa um lugar privilegiado no diálogo com o budismo. Este pode dizer-se que é em síntese o pensamento de W. Johnston

Multiplicam-se as iniciativas de procura de espiritualidade. Aumentam-se as publicações, organizam-se congressos. O fenómeno está na ordem do dia, mas estamos perante um mundo revolto e polissémico.

O que parece mais significativo é a estima que a espiritualidade vai suscitando entre os teólogos de maior renome, como por exemplo, Rhaner, Chenu, Von Balthasar, Moltmann, Schillebeeckx, Flick-Alzheghi, Javier Pikaza, Olegario González de Cardedal, J. Martin Velasco, etc., mesmo aqueles mais comprometidos no social como os teólogos da libertação, como Segundo Galileia e Gustavo Gutierrez.

Hoje podemos afirmar que a teologia dogmática perdeu a aversão contra os “espirituais” e os místicos.

“Os teólogos estão a voltar os olhos especialmente para os místicos como lugares concretos de teofania, e, em consequência, como fontes de teologia dogmática. Neles se fundem experiência e teologia, são modelos óptimos de uma teologia narrativa” (P. Maroto).

Pelo ressurgimento da espiritualidade, a experiência religiosa e mística começa a despertar interesse e é objecto de estudo por parte da teologia. Recordamos, a este respeito, as palavras pronunciadas por V. Balthasar diante do Papa e de vários cardeais, quando recebeu o prémio Paulo VI: “Insisto na inseparabilidade entre teologia e espiritualidade. A divisão entre ambas foi, sem género de dúvida, o pior desastre que aconteceu na história da Igreja”.

Esta relação simbiótica entre mística e teologia é benéfica tanto para uma como para a outra. “Graças à mística, a dogmática entra em contacto íntimo com o seu objecto, que é o sujeito com respeito a nós. A fé não encontra o seu ponto final na formulação como tal, mas na realidade da fé, diz Tomás de Aquino (2-2, q.1, a, ad 2). Mas graças à dogmática crítica, “a mística não se afunda num cristianismo apócrifo ou num fanatismo irracional. Mística e teologia têm necessidade uma da outra para a sua própria autenticidade” (E. Schillebeeckx).

P. Jeremias Carlos Vechina

Todos são chamados à mística

Entrevista concedida a Zenit pelo carmelita P. Luis Borriello, OCD e dirigida por Miriam Díez i Bosch

O P. Luís Borriello é um grande estudioso dos místicos. Não somente porque sua família religiosa é a Carmelita, privilegiada por ter Santa Teresa de Jesus, São João da Cruz ou Edith Stein, mas porque, além disso, é professor de teologia em várias universidades de Roma, consultor de diversas Congregações vaticanas e coeditor do “Dicionário da Mística”, da editora vaticana.

Para o P. Borriello, a mística não é um aspecto secundário da teologia. Torna-se imperioso esclarecer o que é a “mística cristã”, num momento em que vemos que todas as religiões se interessam pelo tema.



Borriello, nesta entrevista a *Zenit*, resiste em aceitar que se fale de “mística” como de “iluminados” ou pessoas distantes da realidade, já que, para ele, a mística é o que existe de mais arreigado no mundo e o mais elevado que existe: a união com Deus.

Ele explica isto no seu livro “Esperienza mistica e teologia mistica”, publicado pela *Livraria Editora Vaticana*, livro que faz parte de uma colecção dirigida por ele e pela estudiosa Maria Rosária del Genio, chamada “Experiência e fenomenologia mística”. O livro tem o prólogo do arcebispo Luís F. Ladaria, SJ, secretário da Congregação para a Doutrina da Fé.

Zenit: *Os místicos têm fama de ser de outro mundo, mas o senhor diz que não é verdade.*

P. Borriello: Os místicos são homens e mulheres deste mundo. Hoje, há uma tendência a banalizar a mística, como se fosse algo do outro mundo, que não tem nada a ver connosco. E não é assim. Além disso, a experiência dos místicos encaixa-se na Igreja e está relacionada com a fé, não é alheia a ela.

A experiência mística não se pode separar da fé, só pode acontecer nela. Tal experiência requer uma teologia mística, uma reflexão que tenha como base a própria mística.

Hoje existe uma persistência de que o facto místico, faz parte do pós-modernismo. Esta riqueza mística universal reencontra-se na religiosidade ocidental e na oriental. E a oriental exerce uma grande influência no Ocidente.

Também no clima atual de crise, confusão e sincretismo, dá-se a tentação de confundir a autêntica natureza da mística com realidades *New Age* ou *Next Age*. Religião e misticismo são realidades diferentes e é preciso fazer essa distinção.

Zenit: *De facto, muitos buscam no Oriente o que a mística cristã já oferece.*

P. Borriello: Efectivamente. É um paradoxo: muitos cristãos não conhecem a riqueza da tradição mística própria e recorrem ao Oriente, procurando o que está no interior dessa tradição.

Por outro lado, é importante recordar que em toda a experiência mística há uma mistagogia: Também podemos fazer a experiência como o outro; ainda que o místico seja reservado, o que diz é para todos. Neste sentido, temos que dizer que todos nós estamos chamados à santidade e à mística. E a experiência mística é um convite ao testemunho.

Zenit: *A mística cristã, ainda que seja fusão, reconhece o “Tu” de Deus, sempre.*

P. Borriello: Sim: não é a dissolução, é o encontro. A mística cristã caracteriza-se pela Encarnação, que sempre é um dom, não é algo que o ser humano conquista. Nela, o Tu, a dualidade de Deus que se dá e do homem que acolhe, ainda que haja fusão, sempre se reconhece o outro. Estamos a falar de dualidade na unidade, como um matrimónio espiritual: os dois reconhecem-se sempre, não se confundem, conservam a sua própria identidade.

Zenit: *Seria apropriado desejar viver uma experiência mística?*

P. Borriello: Não se trata de pedir isso, mas de acolher quando acontece, se acontecer. A experiência é uma categoria que se usa em todas as disciplinas. Eu prefiro que se fale de experiência mística, é algo que Deus dá ao homem que a recebe passivamente e, de facto, faz um esforço ao acolhê-la; é o que João da Cruz chama de “a noite”.

Há uma colaboração no acolhimento, mas a iniciativa é sempre de Deus, que se dá a conhecer. E a revelação maior acontece em Jesus Cristo; portanto, a experiência mística sempre é cristocêntrica e trinitária. E revela-se exclusivamente de forma gratuita, sem nossos méritos.

Momento histórico

“É um momento histórico para a América Latina”

O P. Filipe foi Geral da Ordem durante dois sexénios. Já antes tinha sido primeiro Definidor Geral e como tal fez-nos uma visita fraterna em 1974, em pleno 25 de Abril. Precisamente a noite do 24 para o 25 de Abril apanhou-o a passar a fronteira, em Vilar Formoso. O P. Filipe é burgalês de nascimento e aos seus 80 anos vive numa das comunidades que a Ordem tem no Paraguai, e que actualmente formam uma só Delegação provincial juntamente com o Uruguai e a Bolívia.

Era seu desejo, apesar da idade, rumar a Angola para aí criar uma missão.

O P. Geral, Savério Cannistrá, o Definidor Geral para a América Latina, Marcos Juchem e uma trintena de superiores e delegados da América Latina e Espanha encontram-se reunidos desde 21 de Setembro em Londrina (Brasil) para a celebração de um Mini-Definitório de América Latina e do Caribe, pare se debruçarem sobre os problemas e potencialidades do Carmelo Teresiano na América Latina.

Por este motivo, o boletim informativo da Ordem – **Comunicações** – entrevistou o P. Filipe sobre este acontecimento.

Comunicações: *Como qualificaria esta Assembleia que se está a celebrar em Londrina?*

P. Filipe: É um acontecimento histórico para o Carmelo na América Latina, independentemente dos resultados imediatos. Uma assembleia, normalmente, é avaliada pelos resultados e as conclusões imediatas, mas tem sempre uma projecção e dinamismo de mentalização que se vai desenvolvendo no tempo.

Por exemplo, aquela reunião que tivemos em Lima em Fevereiro de 1976 estava centrada no tema das vocações, porque era necessário tomar consciência de que não podíamos continuar totalmente dependentes, enquanto ao pessoal, das províncias europeias. Então não se chegou a projectos muito concretos, mas foram-se realizando posteriormente. Naquele momento ficou a consciência e o compromisso. Para mim aquela foi uma Assembleia histórica e esta certamente que o vai ser também.

Comunicações: *O que é que mudou desde então?*

P. Filipe: Mudou muito, aquela foi uma Assembleia de Carmelitas Descalços de América Latina, mas na realidade era uma assembleia europeia. Enquanto que ali estiveram presentes 4 ou 5 latinoamericanos e o resto eram europeus, nesta a realidade é latinoamericana e os que estamos europeus somos poucos. A



maior alegria que tenho é ver esta mudança. Quando se fala de números, de que somos 400 professos de votos solenes haveria que acentuar que esses 400 são latinoamericanos, enquanto que antes eram 600 religiosos mas a imensa maioria – excepto México e Colômbia – éramos europeus, sobretudo, espanhóis. Esta mudança é de um grande valor.

Comunicações: *Que desafios tem a Ordem na América Latina?*

P. Filipe: O desafio é a reestruturação. Se não chegamos a uma reestruturação das comunidades formativas de modo que sejam mais consistentes e que não tenhamos o caso do mesmo formador com aspirantes, postulantes, teólogos,... Há que pôr mais empenho nas condições formativas e este é o desafio mais imediato e urgente. Há vocações, embora não tantas como se diz. Há que oferecer condições de acolhimento, acompanhamento e formação.

Comunicações: *O que é que o Carmelo pode dar hoje à Igreja Latinoamericana?*

P. Filipe: A maior parte dos bispos pedem-nos uma presença de espiritualidade. Gosto de, quando falamos de espiritualidade, dar-lhe um sentido mais amplo. Falar de espiritualidade como formação para a maturidade dos crentes. Entendo que o Carmelo, pelo sistema teológico de S. João da Cruz e a oração teresiana está capacitado para formar cristãos maduros e comprometidos. Falamos do protagonismo do leigo na Igreja e estamos em condições de fazer um serviço à Igreja latinoamericana colaborando na preparação de leigos maduros. Ser leigo maduro não só compreende uma formação teológica mais séria mas também uma formação espiritual.

Comunicações: *Uma palavra sobre a Preparação da Ordem de cara ao Centenário do nascimento de Santa Teresa.*

P. Filipe: Estou convencido que foi uma ideia acertada a opção por uma preparação suficientemente longa – 5 anos – e à base da leitura pessoal e comunitária da Santa. Julgo que é o momento para ler vocacionalmente a Santa. Como questionamento vocacional pessoal e comunitário. Tenho muita fé e confiança que isto vai produzir uma identificação e conversão profunda. A Santa Madre pode ter a força de ser instrumento de conversão para nós.

Estou a ler este ano o *Livro da Vida* como nunca o fiz. Dá-me prazer. Esses primeiros 9 ou 10 capítulos do *Livro da Vida* são a conversão da mediocridade para a plenitude. Deus arriscou tudo com Teresa. Ela poderia ter sido uma religiosa boa mas medíocre, e não a quis assim e converteu-a. Esta dupla hipótese na nossa vida, mediocridade e plenitude, é a proposta que nos faz a Santa Madre através da sua experiência nesses primeiros capítulos. Este tempo há-de ser uma graça para todo o Carmelita que tenha um mínimo de boa vontade e amor à sua vocação.

Encontro Teresiano

No dia 25 de Julho de 2010 por ocasião da celebração do **DIA DO IRMÃO** da **Comunidade “Nossa Senhora do Carmo” de Viana do Castelo**, nós carmelitas seculares das Comunidades OCDS de “Santa Teresinha” de Coimbra, de “Nossa Senhora do Monte Carmelo de Fátima, de “Nossa Senhora do Carmo” do Funchal e as restantes representadas pela Presidente Nacional OCDS, respondendo ao convite feito por aquela Comunidade, tivemos um dia de muita alegria ao participarmos juntamente com as monjas e os Padres Jeremias, Assistente Nacional e P. Dias Assistente da Comunidade do Funchal para rezar e confraternizar, ao recebermos em Coimbra a **Comunidade de Viana** que aqui veio fazer **Festa**. Foi maravilhoso ver os três estados de vida juntos, como família. Inicialmente tivemos uma Eucaristia, onde na homilia o P. Jeremias nos pôs a meditar sobre o que é a oração cristã, excelente momento de formação e terminou com a pergunta de Teresa:

“VOSSA SOU SENHOR, PARA VÓS NASCI, O QUE MANDAIS FAZER DE MIM?”

Após esse momento alto em que as irmãs nos encantaram com cânticos maravilhosos houve a pausa para o almoço onde apreciámos os manjares e bebidas deliciosos vindos do

Minho, da região da Bairrada e da Estremadura... foi difícil não cometer o pecado da guuuuula!!!!

Terminado o almoço voltámos ao Carmelo, para um excelente e carinhoso tempo de confraternização com as Irmãs de clausura.

Seguiu-se a visita ao Memorial da Irmã Lúcia onde fomos alegremente recebidos pela nossa irmã OCDS, Maria da Luz.

Reunimo-nos novamente na capela para rezarmos as vésperas a que se seguiu a despedida.

Dizia alguém no final “*Se a semente do Carmelo plantada no coração de Santa Teresa de Jesus e São João da Cruz, não tivesse sido regada e cuidada, não estaríamos aqui. Cabe a cada um de nós levar essas sementes a todos os lugares onde estivermos. Nós como carmelitas seculares, temos essa missão.*”

Maria Emília

Coimbra em festa

Foi com muita alegria que a Comunidade de Santa Teresinha de Coimbra celebrou, no dia 1 de Outubro de 2010, a sua padroeira, Santa Teresinha. Havia também um outro motivo especial para a nossa festa: é que duas irmãs OCDS fizeram as suas promessas temporárias, uma a definitiva e cinco fizeram a renovação das primeiras promessas.

Foi no Carmelo de Santa Teresa de Jesus que, presidida pelo Reverendo Padre Jeremias, tivemos uma belíssima celebração, que as irmãs enriqueceram com seus belos cânticos e com a oferta a cada participante, de uma linda rosa de Santa Teresinha. Estavam presentes alguns familiares e amigos, que com carinho nos acompanharam ao locutório, onde tivemos a bênção de podermos estar um bocadinho, partilhando da ALEGRIA que as Irmãs de clausura sempre irradiam e transmitem.

Na oportunidade, os membros que fizeram as promessas receberam os símbolos, aumentando assim ainda mais o amor e o compromisso com o Carmelo. Os nossos agradecimentos a todas as comunidades OCDS que nos comunicaram que estariam presentes espiritualmente; nós retribuimos com as nossas orações.

Cronista

Convívio

No dia 5 de Outubro realizou-se em Alhadadas – Figueira da Foz- o convívio anual da Comunidade OCDS de Santa Teresinha de Coimbra. A Alice e o Nuno sempre disponíveis e amáveis cederam a sua casa para o evento. Começou pelas 11h e terminou por volta das 19h.

Demos graças a Deus pela nossa Comunidade da Ordem dos Carmelitas Descalços Seculares, e nas preces, pedimos a Deus que nos anime sempre a caminhar com “determinada determinação” para prosseguirmos rumo ao Monte Santo!

Acreditamos que o nosso convívio foi mais um instrumento do AMOR e da PAZ de DEUS e que por meio dele aumentámos e fortalecemos os laços Divinos que nos unem, dentro de nossa comunidade Santa Teresinha do Menino Jesus e que queremos estender a toda a OCDS e OCD, e ainda a todos os que procuram ter um encontro sincero com JESUS.



Boletim Informativo das Fraternidades da Ordem Secular da Província Portuguesa de Nossa Senhora do Carmo dos Carmelitas Descalços * Fotocomposição: Delfim Machado * Responsável da publicação: P. Jeremias Carlos Vechina * Sede: Domus Carmeli – Rua do Imaculado Coração de Maria, 17 – 2495-441 Fátima Tel. 249 530 650 E-mail: jeremias@carmelitas.pt; Sítio: www.carmelitas.pt